

O Ciberativismo LGBT: Uma Análise do Canal das Bee na Articulação e Promoção do Diálogo Entre Jovens¹

Leonardo Bertoldo Werner WOLLINGER²
Elza Oliveira de Aparecida FILHA³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a forma com que o Canal das Bee se articula e gera o diálogo a fim de promover pautas LGBT entre jovens na internet. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise da interface e posicionamento deste canal na rede, foi possível identificar a busca pelos fundadores no grupo por um ciberativismo que integre e atinja a todos os participantes das diferentes frentes LGBT. Ao utilizar recursos como a linguagem leve e descontraída, o canal constrói diariamente e de forma coletiva uma biblioteca audiovisual, pública, democrática e que possibilita a articulação do ciberativismo LGBT no Brasil. Ciberativismo, Ciberdemocracia, LGBT, Canal das Bee

PALAVRAS-CHAVE: ciberativismo; ciberdemocracia; LGBT; canal das bee.

1.INTRODUÇÃO

Através do avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a facilitação do acesso à internet por intermédio de dispositivos móveis, o ser humano descobre diariamente novas ferramentas e maneiras de se expressar e comunicar no ambiente online. É no ambiente virtual que o ser humano se relaciona, trabalha, conversa, se informa e adquire informações sobre a mais variada gama de assuntos, a qualquer momento. Diariamente são abertas novas fronteiras para a socialização de seres humanos no ambiente virtual e é nesse intercâmbio comunicacional online que o ciberespaço permite a construção de novos modelos mentais e formas de interação (Minsky, 1989).

Corroborada pela convergência midiática, a internet se torna no século XXI palco para movimentos pró-minorias muitas vezes esquecidos pela mídia tradicional, e é através do agrupamento de pessoas e projeção de discursos que a entrada de ativistas na rede configura o uso das redes sociais e plataformas digitais para articular o ativismo virtual, ou ciberativismo. Dentre as diversas pautas e grupos presentes na internet, o ciberativismo

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Organizacional - UTFPR, email: leo.wollinger@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso Comunicação Organizacional - UTFPR, email: elzaap@hotmail.com

LGBT é um dos que gera mais dúvidas e se mostra mais organizado em diferentes frentes de discussão. Não restrito ao ambiente online, é no meio virtual que as minorias ganham voz e força e passam a lutar por seus direitos e pelo reconhecimento como cidadãos na sociedade tradicional que se conhece hoje.

O ano de 2015 marca uma mudança na postura quanto ao uso das redes sociais por parte dos jovens afim de promover a reflexão acerca de pautas como feminismo, racismo e homofobia, ferramentas até então utilizadas para entretenimento, como Facebook e YouTube, tornam-se palanques para a articulação de grupos, politização de jovens e o surgimento de porta-vozes acerca de diversas temáticas, em especial a agenda LGBT, temática abordada no presente estudo. O ser humano deste século, como cibercidadão, entende que a internet é não somente um ambiente de diversão mas particularmente a presença no ambiente virtual é hoje uma extensão do seu próprio ser como indivíduo.

Entre uma inúmera variedade de sites, blogs, vlogs, e páginas na internet, a página brasileira Canal das Bee se destaca pela tom informal com que ensina temáticas atuais relacionadas ao universo LGBT à população no ambiente virtual. Com cerca de 195 mil inscritos e mais de 15 milhões de visualizações, o canal disponibiliza novos materiais duas vezes por semana e já consta com arquivo de mais de 150 vídeos relacionados à pautas LGBT. Definido por seus criadores como um canal contra todos os tipos de preconceito relacionados a homofobia, pregam a diversão, o riso e a liberdade de se viver a vida da maneira que quiser.

Jovens até então desconhecidos, articularam-se para formar um canal e hoje são tidos como referência no ativismo jovem acerca das pautas LGBT, e tudo isso graças à ciberdemocracia propiciada pela internet, que permite transformar quem antes era espectador em gerador de conteúdo.

Ao identificar o quão atual e fértil a temática acerca do uso das novas tecnologias para a divulgação do ciberativismo é, este trabalho restringiu-se a analisar as formas com que o Canal das Bee se comunica com os jovens a fim de promover a agenda LGBT. Tendo em vista o sucesso do canal nas redes sociais, este artigo visa responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como os jovens podem se informar e encontrar no Canal das Bee uma ferramenta para debate acerca de temáticas LGBT? Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a forma com que o Canal das Bee se articula e promove o diálogo a fim de promover pautas LGBT entre jovens. Especificamente buscou-se 1) Analisar o uso da internet como espaço democrático para o ativismo em meio digital; 2) Analisar a convergência midiática como

aporte para o surgimento de formadores de opinião na internet; 3) Traçar um histórico do ativismo LGBT no Brasil, do seu início aos dias atuais; 4) Analisar a estrutura e a forma com que o Canal das Bee articula a temática LGBT em seu canal no YouTube.

Embora muitos artigos e publicações dissertem sobre o surgimento e formas de articulação do ciberativismo no Brasil, nos levantamentos realizados não foram encontradas pesquisas relacionadas à análise de canais ciberativistas específicos voltados ao público LGBT, e esta é a contribuição acadêmica desta pesquisa.

2. A INTERNET COMO ESPAÇO PARTICIPATIVO E DEMOCRÁTICO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são um conjunto de recursos tecnológicos que permitem a integração, automação e comunicação de diferentes tipos de processos existentes na sociedade, seja em ambiente profissional, de ensino, pesquisa, religião ou até mesmo na promoção de relações sociais. Essas tecnologias são utilizadas para promover a reunião, distribuição e compartilhamento de diferentes tipos de informação, como sites de internet, plataformas de pesquisa e publicidade. Com o avanço das TICs e das possibilidades por ela estabelecidas, diariamente somos instigados a revisitar os processos de estudo, indução e formação que possibilitam o agrupamento de pessoas em redes (BALANCIERI; BOVO, KERN, PACHECO, BARCIA, 2005, p. 64). Se antes os espectadores ou leitores estavam habituados a lidar com a ideia de uma grade fixa e nada maleável de pautas e programação, é com o surgimento da web que essas barreiras foram quebradas.

Hoje indivíduos de todos os segmentos da sociedade possuem acesso à internet, e essa nova configuração da presença da sociedade em ambiente virtual tem corroborado para a convergência midiática de meios de comunicação que até então estavam presentes apenas no meio *off-line*. Neste contexto, entende-se por convergência midiática o processo de envolvimento entre meios *on-line* e *off-line* a fim de que uma mesma informação chegue ao receptor por diferentes canais. Esse processo, que hoje acontece quase que naturalmente nos meios de comunicação, parte da lógica da convergência, que tem como um de seus principais teóricos Henry Jenkins (2008), que define:

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (...) No mundo das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia. (JENKINS, 2008, p. 27).

Através da convergência é possível notar não apenas a transformação na forma com que se dá o relacionamento entre pessoas ou o consumo midiático na internet, trata-se de observar a reorganização da estrutura social até então conhecida. A internet, como meio de comunicação, possibilitou não apenas a quebra de barreiras em aspectos tempo-espaço como colaborou para a reorganização da sociedade agora no ambiente virtual. Neste contexto, a convergência não ocorre apenas do meio off-line para o on-line mas também no sentido contrário, onde muito do que tem início no ambiente digital passa a ser adotado e tem reflexos na sociedade tradicional, *off-line*, a qual estamos habituados.

As formas até então conhecidas e promovidas pelos meios de comunicação tradicionais de se consumir informação, com hora e locais marcados, dão espaço à novas rotinas que surgiram com o mundo contemporâneo, e essa reorganização da sociedade, que antes se mostrava passiva, agora coloca o indivíduo em posição central, um “porta-voz do produto, participando do processo, atuando como produtor de conteúdo e gerando novas demandas.” (MASSAROLO; ALVARENGA, 2009).

É nesse ambiente, que se mostra aberto e receptivo à qualquer tipo de pessoa e através de debates sobre as tecnologias da inteligência, que Pierre Lévy começa a difundir o conceito de inteligência coletiva. De acordo com Lévy (2003, p. 28), a inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Essas novas formas de acesso e o intercâmbio e compartilhamento de informação e conhecimento, no ambiente virtual, fazem com que as pessoas se organizem em grupos de interesses distintos, que abraçam pessoas com mais ou menos conhecimento e com visões diferenciadas de mundo, o que torna a construção do saber muito mais dinâmica, e de acordo com Brennan (2006):

Os impactos deste processo [O uso da web e seus recursos, como as redes sociais] na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc. (BRENNAND, 2006, p.202)

Já para teóricos da convergência midiática como Jenkins (2008) a inteligência coletiva no ambiente virtual se dá à “essa capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros” (2008, p. 54).

Na inteligência coletiva o saber não é elitizado nem reservado a poucos, está disperso, misturado e incutido em todos os níveis da sociedade. A inteligência coletiva promove a valorização de todos os seres humanos, e neste cenário cada pessoa tem a capacidade de

acrescentar algo novo referente ao seu próprio contexto de vida para engrandecer o saber do grupo. Esse grande grupo dá às pessoas uma sensação de pertencimento a uma comunidade global (McLuhan, 1969), e a internet possibilita o agrupamento de pessoas por interesses comuns em qualquer lugar do mundo, independente de quem elas sejam ou em que contexto se encontrem. Este ambiente amplo e com diversas pessoas e opiniões se mostra como um espaço alternativo para trocar opiniões, construir discursos, disseminar ideias e politizar a massa virtual, redirecionando os recortes de realidade que muitas vezes a mídia tradicional impõe. Todo esse agrupamento e mobilização colaboram para a construção de uma cibercultura, que nada mais é do que a relação entre as tecnologias da comunicação e a sociabilidade, o que configura a cultura contemporânea (Lemos, 2002).

Vivemos hoje em tempos latentes onde qualquer pessoa, com o uso de um smartphone pode fazer com que sua imagem ou seu discurso alcancem visibilidade planetária, e a opinião pública, por definição dividida entre “pós” e “contras”, se vê unida pelos mesmos objetos de atenção: os mesmos atentados terroristas, as mesmas eleições ou os mesmos discursos preconceituosos replicados na rede (LEMOS; LEVY, 2010).

Ainda de acordo com Lemos e Lévy (2010), na busca pela ciberdemocracia planetária é preciso assumir que qualquer movimento de pessoas, coisas ou informações deixam marcas e podem ser monitorados para diversos fins. É na luta por essa ciberdemocracia que movimentos de ciberativismo emergem como fortes propulsores de discursos das mais diversas pautas, e é por meio do ambiente online que em 2015 ativistas se reúnem, empresas são boicotadas, pessoas se empoderam e surgem líderes para a discussão das mais diversas pautas que fazem parte da agenda de diversas minorias.

É nesta modernidade líquida (BAUMAN, 2005), em que tudo ocorre de maneira rápida, que emerge no ser humano uma necessidade de integração ao processo de organização e participação na esfera pública, e o que ocorre na internet é que as pessoas não se politizam apenas porque sofrem com injustiças, mas usam suas posições como atores sociais para engajar-se nas lutas pelo reconhecimento e cumprimento de direitos civis. O ciberativismo com foco na agenda LGBT, assim como o histórico e as características deste movimento são discutidos a seguir.

3. HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DO ATIVISMO LGBT E CIBERATIVISMO NO BRASIL

A proposta inicial deste artigo não é discorrer sobre o surgimento e disseminação da homofobia nas sociedades ocidentais já que para isto seria necessária uma profunda reflexão acerca dos estudos de Foucault (2001) sobre a construção da sexualidade. A postura assumida neste estudo é de que a homofobia é um problema real enfrentado por milhares de pessoas no Brasil, das mais diversas classes sociais (com maior gravidade em áreas mais pobres), e que é preciso combatê-la diariamente, tanto na vida em sociedade off-line como no ambiente virtual. O termo homofobia tem sua primeira aparição registrada em 1971, nos EUA, em um artigo de K. T. Smith que tinha por objetivo a análise de traços da personalidade homofóbica (BORRILLO, 2001). Apesar de sua origem clínica, seu conceito que permanece na sociedade abarca situações e mecanismos sociais relacionados ao preconceito, discriminação e violência contra homossexuais, bissexuais e transgêneros (JUNQUEIRA, 2007).

Vinculada à construção social relacionada ao binarismo de gênero, as ações homofóbicas partem da intolerância relacionada a qualquer desvio de coerência entre gêneros. Sempre preocupante, a homofobia é uma realidade, e de acordo com Ferrari (2011) este conceito já está incorporado ao vocabulário corrente da população, e por isso representa um ganho importante para os movimentos de afirmação da diversidade sexual na luta pela igualdade de direitos entre os cidadãos.

Tendo como marco a Revolta de Stonewall, que em 1969 teve gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na luta contra a opressão da polícia de Nova York, o início da década de 1970 marca o surgimento dos primeiros movimentos de ativistas pró-direitos dos homossexuais. Esses grupos se formavam na busca não apenas pela democracia, mas também por direitos civis e cidadania plena. Formados predominantemente por homens homossexuais, os movimentos a favor da defesa da diversidade sexual no Brasil surgiram com a proposta da politização da situação dos homossexuais que até então tinham como alternativa o convívio em “guetos” (FACCHINI, 2005). Caminhando junto a este movimento, começaram a surgir os primeiros grupos de lésbicas na busca pela afirmação como sujeitos políticos, e apenas nos anos 1990 o movimento é marcado pela entrada de travestis e transexuais no amplo debate da agenda homossexual. Ainda mais recente, é no início dos anos 2000, é que bissexuais se reuniram na cobrança por reconhecimento enquanto cidadãos, e a essa ampla reunião de diferentes frentes em prol da liberdade de gênero e sexualidade que o movimento passou a ser representado pela sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais).

A sociedade apenas reconheceu e colocou em foco o movimento LGBT no Brasil durante a década de 1980, quando a sociedade se deparou com a epidemia de HIV/Aids. Na luta contra a doença, um espaço para a visibilidade de homossexuais foi aberto em âmbito federal, já que políticas públicas específicas eram necessárias para realizar o controle da epidemia. Com o início da década de 1990 surgem as primeiras ONGS em diversos estados e em 1995 ocorre a fundação da primeira e maior rede de organizações LGBT brasileiras, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis). De acordo com o site da própria rede, esta reúne mais de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil, e é considerada a maior rede LGBT da América Latina, com políticas voltadas a diversas situações relativas ao homossexual como cidadão. Além de esforços para o combate ao HIV/Aids, a AGLBT surgiu para promover diversas ações no âmbito legislativo e judicial, como o projeto de lei 1151/95 que reconheceu a parceria civil, o que fez com que a sociedade passasse a construir publicamente a ideia de LGBT como indivíduos de direitos. Hoje é notável o fortalecimento dos grupos em prol das minorias, porém infelizmente estes ficam a mercê do discurso midiático tradicional quando o assunto é a sua visibilidade. Ainda enraizado nos pensamentos e atitudes da sociedade tradicional brasileira, o preconceito faz com que a internet seja o palco para que os grupos pró-direitos dos LGBT ganhem força e visibilidade.

É com a popularização do acesso à internet e a urgência da organização dos movimentos sociais que o início dos anos 2000 marcam os primeiros passos do ciberativismo na rede. De acordo com Vegh (2003, p. 71), o ciberativismo é a utilização da internet para organização e divulgação de movimentos politicamente motivados. Eles se organizam a fim de alcançar metas, lutar por direitos, promover o debate e lutar contra injustiças que podem ocorrer tanto no ambiente virtual como real.

Atualmente diversas plataformas permitem a propagação de discursos em diferentes formatos, sejam textos, áudios ou vídeos, e é possível observar a organização dos cibercidadãos neste ambiente. Conforme apontado anteriormente por Henry Jenkins (2008) a convergência midiática também ocorre do meio on-line para o off-line e é por meio da visibilidade dada aos movimentos LGBT na internet que são feitas campanhas de conscientização, são formulados abaixo-assinados e o discurso, até então restrito ao ambiente virtual, começa a obter resultados na vida enquanto sociedade tradicional.

É no ambiente virtual que as pessoas buscam exercer a sua cibercidadania através do posicionamento como atores sociais, e a utilização da rede para reunião de grupos pró-

movimentos LGBT é intensa. Seja para discussão, debates ou boicote à marcas de cunho homofóbico, esse novo tipo de postura dentro da rede faz parte da evolução natural de uma geração que não mais usa o ambiente on-line apenas para entretenimento, mas entende e sabe que a presença no mundo virtual é uma extensão do ser como um tudo. Entre os milhares de grupos, páginas, sites e canais de vídeos que debatem a temática LGBT, o Canal das Bee se posiciona como um grupo jovem, sem elitismos, que muito mais do que lutar pela conquista de direitos é usado como plataforma para educar e politizar jovens (público-alvo do grupo) acerca da agenda LGBT. A origem, forma de atuação e elementos não verbais do Canal das Bee que o tornaram um fenômeno no canal YouTube são analisados posteriormente.

4. ANÁLISE DO CANAL DAS BEE

Criado como proposta de trabalho de conclusão de curso de uma de suas fundadoras, o Canal das Bee surgiu de forma despreziosa no final de 2012, quando Jéssica Tauane de Sousa procurou uma forma diferenciada de tratar temáticas relativas à comunidade LGBT de maneira leve e divertida. Formada em Comunicação e Multimeios pela PUC de São Paulo, Jéssica afirma que o canal busca a reflexão sobre o LGBT e procura trazer informações úteis para entender a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e o direito de amar ao próximo, sem se importar com o sexo.

Lançado na plataforma YouTube, que permite o compartilhamento de vídeos em meio digital, eessa foi a alternativa encontrada por sua fundadora para tratar da temática LGBT em um ambiente democrático, livre e inovador, que é a internet.

Além disso, o YouTube possibilita a ascensão de gêneros emergentes de audiovisual. Na internet, há espaço para um enunciação eminentemente amadora, pois se está diante de uma plataforma colaborativa e pretensamente democrática. A fruição do gênero solicita dos usuários um grau de intervenção diferenciado daquele observado num meio multimodal como a televisão: é possível ver, rever, recuar e avançar na visualização do vídeo, assim como responder a ele, recomendá-lo ou criticá-lo perante outros usuários. Assim, uma potencialidade hipermodal se desenha nesse tipo de produção, o que não seria possível num modelo convencional de televisão. (COSTA, 2009 p. 81)

Inicialmente tratado como hobby pelo grupo que o formou, o canal passou a ser levado a sério apenas no começo do ano de 2014, quando Jéssica e outros amigos convidados se comprometeram a disponibilizar 2 vídeos semanais na plataforma, divididos em temáticas

diferentes e que convidavam o público, em especial o LGBT, a participar dessa construção coletiva de uma biblioteca acerca do ativismo homossexual, bissexual e transexual.

De acordo com Sousa (2012) o canal foi completamente pensado e hospedado na internet, baseado na comunicação entre pessoas diferentes e que se uniram por um objetivo maior, que é a luta contra a homofobia. Todas as peças veiculadas no YouTube são curtas (em média cinco minutos) e diretas quanto à temática abordada.

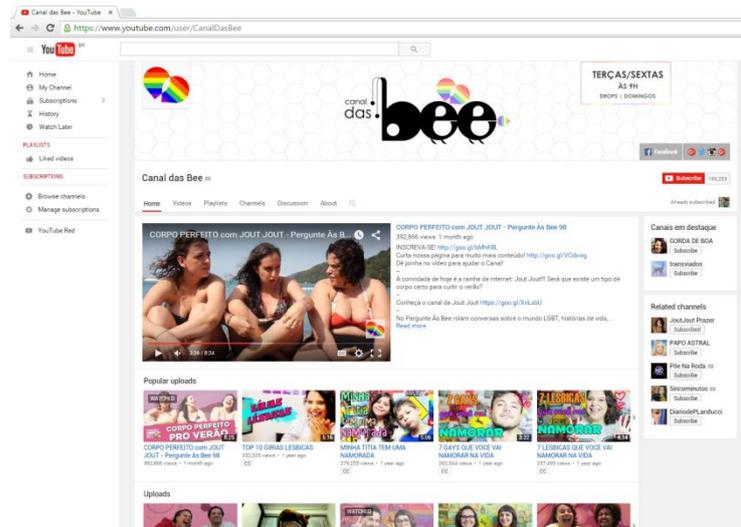


Figura 01. Interface do Canal das Bee na plataforma YouTube.

O nome do canal surgiu de um esforço conjunto de sua fundadora e amigos, que queriam batizar o canal de maneira que transparecesse que ele é divertido e criado por jovens. O termo “bee” surgiu com duas vertentes: além de ser um termo de identificação gay, significa abelha em inglês. Essa dualidade, além de fornecer uma identidade visual ao canal, seria conceitual ao pensar no formato colaborativo deste meio, como uma grande colmeia online onde todos os usuários (abelhas) produziram o mel (esclarecimento acerca das temáticas LGBT).



Figura 02. Logotipo do Canal das Bee que remete à dualidade do nome do mesmo.

Com duas inserções semanais (todas as terças e sextas), o canal é dividido em seções que abordam temas variados:

- **Pergunte as Bee:** Principal seção do canal, é onde por meio da interação com os usuários através das redes sociais são definidas pautas que são debatidas entre os apresentadores do canal e também convidados. De tom informativo, esta sessão conta com a apresentação de integrantes do canal e também convidados, que podem ser médicos, celebridades ou outros ativistas com pautas diferentes e que corroborem para as causas do grupo.
- **Bee Fun:** Seção mais despretensiosa do canal onde são abordadas temáticas leves, realizadas brincadeiras e também onde os apresentadores contam fatos, histórias e casos relacionados à temática LGBT e sua vivência pessoal.
- **Bee Cozinha:** Seção de culinária dentro do canal. Conta com convidados também relacionados ao universo LGBT para apresentarem receitas diferentes aos espectadores.
- **Bee Comenta:** Seção que debate e discute a forma com que a mídia tradicional debate a pauta LGBT através da discussão acerca da veiculação de notícias na televisão, jornais e revistas nacionais.
- **Hangouts:** Comunicação direta com os espectadores do canal através de sessões de hangout previamente marcadas nas redes sociais, onde quem tem uma *web-cam* e um microfone entra nessa sala de reunião online para conversar frente a frente com outros integrantes do canal.

Através da análise superficial dos vídeos disponibilizados na rede, é possível identificar que os apresentadores do Canal das Bee conhecem o ambiente digital e utilizam de diferentes ferramentas para envolver e interagir com o público. Nessa busca pela ciberdemocracia planetária (Lemos; Lévy 2010) é notável que o Canal das Bee se articula de maneira adequada ao utilizar o máximo da plataforma YouTube, e isso fica claro com as quase 200 mil inscrições no canal. Pessoas ao redor de todo mundo sabem que podem se informar, discutir, se divertir e debater com outras pessoas através de um canal livre, sem fronteiras e que possibilita a qualquer um dar sua opinião sobre o que é proposto.



Figura 03. Frame de um dos vídeos do canal.

O estilo despojado e desprezioso dos integrantes do Canal das Bee fica em evidência ao notar através, da análise dos vídeos, que estes não são roteirizados. Com um tema pré-estabelecido, é dada a liberdade para os apresentadores conversar, debater e trocar ideias, sem que haja um roteiro a ser cumprido. Em frente a um painel com imagens da cultura pop relacionadas à temática LGBT, os apresentadores conversam informalmente, sem vestimentas específicas e sem o uso de palavras acadêmicas ou termos difíceis, o que mostra o cuidado do canal em disseminar o conhecimento à todas as camadas da população. Com o estilo de vida do ser humano moderno, que busca maior maleabilidade de programação, o canal se destaca por funcionar como uma biblioteca pública de consulta inesgotável onde é oferecida ao usuário a possibilidade de se informar e pesquisar a respeito de toda a agenda LGBT no meio online, com conteúdos criados por jovens e para jovens, que corroboram para o esclarecimento sem o preconceito muitas vezes encontrado na mídia tradicional.

Até então espectadores, hoje os integrantes do Canal das Bee provam que a teoria inversa da convergência midiática (Jenkins, 2008) ocorre por estes serem reconhecidos fora da internet como importantes nomes no ativismo pró-LGBT nacional, tendo sido convidados para palestrar em diversos simpósios e eventos com esta temática.

Por intermédio de uma análise geral, tanto dos vídeos como da maneira com que o Canal das Bee se comporta na internet, é possível identificar o cuidado para que todos os movimentos relacionados à temática LGBT se sintam representados. É na luta não apenas por direitos pessoais, mas de toda a comunidade, que o Canal das Bee se consolida no ambiente virtual como palanque para a promoção do ciberativismo no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa que norteou o desenvolvimento deste trabalho foi a de analisar a forma com que o Canal das Bee se articula e promove o diálogo a fim de promover pautas LGBT entre jovens. Para corroborar com o entendimento acerca do tema proposto, as principais temáticas que deram sustentação teórica ao trabalho envolveram a análise da internet como espaço democrático para o ativismo no meio digital, análise da convergência midiática em tempos de internet e o histórico do ativismo LGBT no Brasil. Apesar do ciberativismo LGBT ser um objeto de estudo recente no campo acadêmico, não se pode estudá-lo sem observar o passado dos movimentos que abriram caminho para a ampla discussão acerca desta temática, tanto na internet como em ambientes físicos. Os homossexuais, bissexuais e transexuais lutam diariamente por seus direitos e têm na internet uma forte aliada como palanque para a promoção de discursos, empoderamento de indivíduos e politização de internautas.

Dentre os diversos canais que promovem a luta LGBT, o Canal das Bee se destaca na forma com que se comunica com seu público. Criado por jovens e para jovens, o canal não apenas informa como interage com os internautas, responde as dúvidas que estes demonstram possuir e serve também como entretenimento e forma de reunião para a comunidade LGBT na internet. O ponto forte analisado neste artigo, e que serve de referência para estudos futuros, é o da irreverência para tratar pautas sérias, e a possibilita de discutir o ativismo LGBT de forma leve e descontraída, despida de rótulos e preconceitos. Adeptos do “ninguém sabe tudo sobre tudo” os integrantes do canal buscam acrescentar novos conceitos e pautas através do convite de militantes e representantes de outras frentes LGBT para um diálogo aberto, sem roteiro pré-definido, com a intenção básica de que o conhecimento seja transmitido e construído coletivamente.

É por meio deste incansável trabalho que dia após dia o Canal das Bee se consolida como um dos principais movimentos ciberativistas pró-LGBT no Brasil, e promove, por meio da gravação e veiculação de vídeos, a construção de uma biblioteca pública, democrática e de livre acesso à questões que tangem as temáticas relativas ao gênero e à sexualidade.

No que tange o campo teórico, este estudo colabora ao reunir de forma sucinta informações relativas à evolução do ativismo LGBT e a sua forma de articulação no ambiente digital, além da maneira com que o ser humano na atualidade se posiciona na internet, como uma extensão do seu próprio ser. Sugere-se a continuidade deste estudo por meio da análise específica dos vídeos do Canal das Bee e como as pautas abordadas têm impacto na

sociedade que cerca os jovens em contato direto com o canal, a forma com que transmitem este conteúdo e o comparativo com o posicionamento de outras militâncias na internet.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005a.
- BALANCIERI, Renato; BOVO, Alessandro Botelho; KERN, Vinícius Medina; SANTOS PACHECO, Roberto Carlos; BARCIA, Ricardo Miranda. **A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes**. Revista Ciência da Informação, Vol. 34, No 1, p. 64-77, jan./abr. 2005
- BORRILLO, Daniel. **A Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.
- BRENNAND, Edna G. G. **Hipermídia e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação**. IN: SILVA ET AL.(Org.) XIII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino. Recife: ENDIPE,2006.
- COSTA, Rafael. **A “dança” dos gêneros audiovisuais na convergência de mídias: um estudo de migrações e transmutação na web 2.0**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/a/a-danca-dos-generos.pdf> Acesso em: 30 nov. 2015.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FERRARI, Anderson. Reflexões sobre a homofobia na escola. In: CASAGRANDE, Lindamir S. LUZ, Nanci Stanckida. CARVALHO, Maria Gomes de (orgs.). **Igualdade na diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia**, 1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, p. 69-89, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 232 p.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução: Suzana Alexandria. São Paulo, Aleph, 2008.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Bagoas: Revista de Estudos Gays, v. 1, p. 1-22, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf> . Acesso em: 20 nov. 2015.
- LEMONS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Sulina, Porto Alegre. 2002
- LEMONS, André.; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LEVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MASSAROLO, João, ALVARENGA, Marcus. **A Indústria Audiovisual e Os Novos Arranjos da Economia Digital**. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2363-1.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- MINSKY, Marvin. **A sociedade da mente**. Trad. Wilma Ronald de Carvalho, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- SOUSA, Jéssica T. Canal das Bee: O Youtube como Plataforma para o Ativismo LGBT. 2012. Disponível em < <http://www4.pucsp.br/mm/downloads/Memorial%20Jessica.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.
- VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank**. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice**. London: Routledge, 2003